

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	CÓDIGO DA FICHA					
	RJ	02	01	04	FC	04
	UF	BEM	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

BEM INVENTARIADO	Jongo
LOCALIDADE	Morro da Serrinha
MUNICÍPIO / UF	Rio de Janeiro/ RJ

2. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO (ENTREVISTAS GRAVADAS, VÍDEOS, QUESTIONÁRIOS...)

GRAVAÇÕES SONORAS E VISUAIS	Darcy Monteiro. 19 CDs gravados (reproduzidos) a partir de 19 fitas cassetes matrizes cedidas pela pesquisadora Edir Gandra. Ótimo estado de conservação. Alguns problemas sonoros da gravação original. Entrevista realizada em 17/04/1986.	Falecido em 21 de dezembro de 2001
QUESTIONÁRIOS	RJ_02_01_04_Q40_002	

3. DESCRIÇÃO DO BEM EM SEU CONTEXTO

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)**RJ****02****01****04****FC****04**

Darcy Monteiro nasceu em 1932 na Serrinha, onde estudou e cresceu cercado por conhecedores de jongo e samba. Começou a ouvir o jongo aos quatro anos de idade e, aos seis ou sete anos, começou a dançar na roda dos velhos jongueiros de Madureira: Seu Elói, Antero Dias, Marta, Dona Florinda e outros. Diz que aprendeu naturalmente, olhando: "eu ficava bebendo avidamente aqueles tambores, com isso eu captei a verdadeira célula rítmica". Seus pais também eram jongueiros e aprendeu muito com eles. Havia festas em que se dançava o jongo em vários lugares, além das que se faziam na comunidade da Serrinha; Darcy lembra-se de uma festa à qual compareceu aos cinco anos de idade (ainda não dançava) em Rocha Miranda ou Honório Gurgel. Tornou-se músico profissional aos 16 anos.

Darcy Monteiro ajudou sua mãe, Vovó Maria Joana, nas décadas de 1970 e 1980, a manter vivo o jongo no Morro da Serrinha, dando continuidade ao trabalho mesmo após a morte da mãe-de-santo. Foi Mestre Darcy quem iniciou o processo de transformação do jongo em espetáculo, promovendo e organizando shows nos quais o jongo era tratado como um estilo musical e coreográfico.

Darcy Monteiro orgulhava-se de seu pertencimento a uma dinastia de jongueiros. Ele tocava os tambores, cantava, dançava, compunha pontos de jongo (sempre fugindo do "jongo autêntico", em suas próprias palavras) e, na época da entrevista, era o responsável pelo Grupo Bassam (Grupo de Jongo do Morro da Serrinha). Improvisava pontos também, mas não se considerava bom improvisador.

Darcy desempenhou papel crucial na divulgação do jongo da Serrinha e em sua adaptação ao mundo dos espetáculos musicais. Formou o Grupo Bassam na década de 1960 para divulgar o jongo pelo Brasil afora. Considerava que a divulgação tinha também uma dimensão política, minorando os prejuízos que a ampla disseminação de música americana causava à música brasileira.

Seu projeto de levar o jongo aos palcos formou-se quando Darcy já era um músico profissional experiente. Desde os anos 1950, Darcy integrava orquestras de baile e de rádio, como percussionista. Tocou pandeiro na Companhia de Teatro de Revista de Carlos Machado e na Orquestra do Hotel Copacabana Palace, entre outros. Atuou também em estúdios de gravação, tocando agogô no acompanhamento de estrelas da música popular, como Tom Jobim e João Gilberto. Essas experiências contribuíram para a formação dos planos que traçou para o jongo da Serrinha.

Uma inovação de Darcy Monteiro foi acrescentar instrumentos musicais aos tradicionais tambores do jongo. Fez experiências com diversos instrumentos de corda (violão, cavaquinho), com trombone, pistom, etc. A nova instrumentação gerou a necessidade de elaborar arranjos musicais, que Darcy fazia, sempre "de ouvido", sem recorrer à notação.

O Grupo Bassam, por ele criado, era integrado tanto por moradores do Morro da Serrinha quanto por músicos convidados. Considerava tal adaptação importante para a preservação do jongo. Durante seis anos, Darcy organizou festas no Morro da Serrinha para comemorar o aniversário de sua mãe, ocasiões que contribuíram para preservar e divulgar o jongo. A primeira dessas festas contou com a presença de sambistas profissionais famosos, como João Donato e Clara Nunes. No entanto, não teve condições financeiras para continuar realizando as festas.

Em 1986, Darcy ensinava jongo no Centro Cultural de Santa Teresa. Antes, havia ministrado muitas aulas no Morro da Serrinha, ajudando a mãe, Vovó Maria Joana, quando ela estava ocupada com o trabalho de umbanda. À época da entrevista (1986) disse já ter ensinado a muitas crianças. Ensinou a seu filho único Darcy (conhecido como Darcyzinho). Posteriormente à entrevista, ministrou várias oficinas em diversas instituições até sua morte em 2001.

Darcy tinha conhecimento das crenças místicas associadas ao jongo e sabia que o jongo pertence à linha das almas (ancestrais que morreram e se tornaram divindades), mas não promovia essa dimensão mística da dança. Conhecia a "lenda" da bananeira, que lhe foi contada pela mãe, mas nunca testemunhou atos mágicos no jongo. Também dizia nunca ter visto um jongueiro "amarrar" os outros cantando pontos enigmáticos, que ninguém é capaz de decifrar. No entanto, conta ter presenciado por duas vezes entidades baixarem durante a roda de jongo. Uma vez Vovó Tereza incorporou e em outra ocasião foi sua mãe, Vovó Maria Joana, que incorporou um preto-velho. Ele diz que essa última incorporação foi registrada em um filme da FUNARTE.

Darcy é o provável autor de uma convenção rítmica que só os tambores da Serrinha realizam. Trata-se de uma espécie de "coda" tocada cada vez que o jongueiro grita "Machado!" para encerrar o ponto (v. Relatórios em Apêndice). É também o autor dos pequenos arranjos vocais (contracantos entoados pelo coro acompanhando o solista) que os grupos ligados ao Jongo da Serrinha ainda cantam, no Rio de Janeiro, e que não são comuns na tradição afro-brasileira.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	01	04	FC	04
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

4. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Letícia Martins Dias				
SUPERVISOR	Elizabeth Travassos				
PREENCHIDO POR	Letícia Dias / Elizabeth Travassos				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Letícia Vianna				19/04/2004